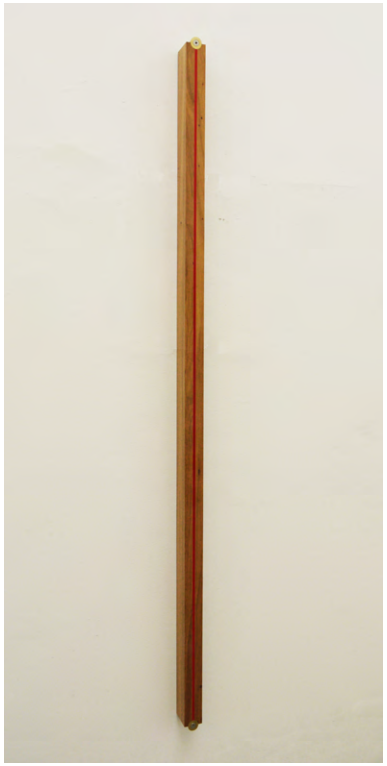
Verdescola

II LEILÃO BENEFICENTE DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Artur Lescher



Sem título #09º, da série Metaméricos, 2010
madeira, acrílico e metal
ed 1/5 + 2 PA
110 x 5 x 5 cm

As esculturas de Artur Lescher procuram situações espaciais em que passem despercebidas, como intervenções sutis. O artista prefere objetos de uma só peça, suspensos e sujeitos à força da gravidade, criando uma tensão e uma relação entre o trabalho e o espaço ao seu redor. Usando materiais diversos, tais como metal, madeira, bronze e cobre, ele evoca volumes e formas familiares, mas subtraídos de sua função habitual. Artur Lescher participou das edições de 1987 e 2002 da Bienal de São Paulo e da Bienal do Mercosul de 2005, em Porto Alegre, Brasil. Seus trabalhos estão incluídos em importantes coleções, tais como na Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; no Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil; no Museo de Arte Latinoanericano de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina; no Museum of Fine Arts, Houston, EUA; e no Philadelphia Museum of Art, Philadelphia, EUA.

Antonio Lee

Salad Days #2, 2014
óleo sobre tela
20 x 30 cm
110 x 5 x 5 cm

Antonio Lee faz parte de uma geração de jovens pintores interessados na figuração, na imagem, na pintura inspirada no snapshot da fotografia. Em 2012 ganhou o prêmio Bolsa FAAP pelos trabalhos apresentados na 44a Anual de Artes do mesmo ano. Mistura diversas técnicas da pintura tradicional e contemporânea na construção de imagens figurativas que expressam movimento e dinâmica.

Betina Samaia

Noturnos, 2012
Fotografia
72 x 106 cm

A fotografia de Betina Samaia registra o movimento das estrelas em uma noite no deserto, acrescentando à paisagem noturna uma figura intrigante em primeiro plano. Em 2013 participou da coletiva "Magic Brésil" em Paris. Foi uma das boas surpresas da SP-ARTE Foto em 2014 e homenageada no La Quatrième Image, um salão internacional de fotografia na França, em outubro de 2014.

Bruno Dunley

Sem título, 2010
óleo sobre tela
29,7 x 21 cm

Inserido em uma nova geração de pintores brasileiros chamada 2000e8, Dunley parte tanto de imagens encontradas quanto de uma análise sobre a própria natureza da pintura, em que códigos de linguagem como o gesto, o plano, a superfície, e a representação, são entendidos como um alfabeto, uma superfície da escrita comum. Constantemente uma única cor predomina toda a superfície na pintura de Dunley, o que nos sugere uma linguagem visual minimalista, acarretando também uma qualidade meditativa a algumas de suas pinturas. Exposições recentes incluem as individuais No lugar em que já estamos (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2014); e (Centro Universitário Maria Antonia, São Paulo, 2013) e Bruno Dunley (11 Bis, Paris, França, 2012); assim como as coletivas Os primeiros 10 anos (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2011); Assim é se lhe parece (Paço das Artes, São Paulo, Brasil, 2011); eParalela 2010 (Liceu de Artes e Ofícios, São Paulo, Brasil, 2010).

Camila Soato

A Bagaceira. Nada é tão calmo quanto parece 6, 2014
óleo sobre tela
30 x 30 cm

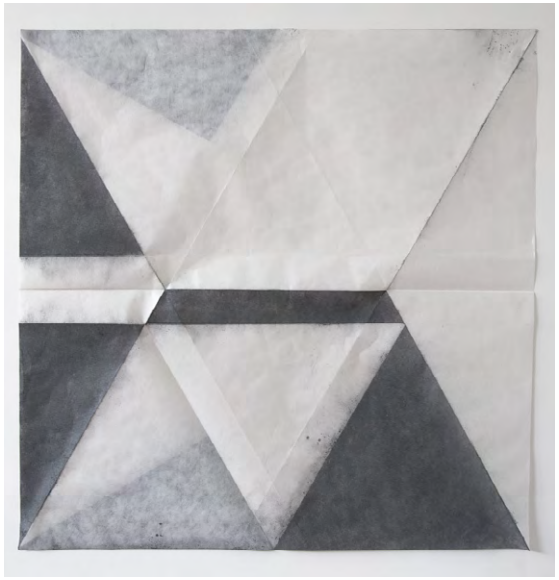
Com pinceladas expressivas e até mesmo com uma certa agressividade, Camila Soato trabalha com o elogio ao descuido, assumindo o erro como índice poético. A artista tem um método de trabalho que privilegia o improviso, o bizarro, o provocativo , sempre com muito bom humor. Soato é doutoranda na Universidade de Brasília, foi finalista do Prêmio Pipa em 2013 e esteve na exposição de mapeamento de artistas promissores "Abre Alas" da galeria A Gentil Carioca, também em 2013.

Cao Guimarães

Paisagens Reais - Tributo a Guignard #6 , 2009
fotografia digital
ed 3/5 + 2 PA
53 x 80 cm cada

Os trabalhos de Cao Guimarães são peças audiovisuais expandidas, frequentemente situadas na fronteira entre filme e artes visuais. Seus filmes demandam longas viagens, durante as quais o artista observa e fotografa o Brasil, registrando os expedientes bizarros para solução de problemas, como na série Gambiarras, ou refletindo delicadamente sobre a amplidão da paisagem, como na delicada homenagem a Guignard aqui apresentada. Participou das 25ª e 27ª edições da Bienal de São Paulo, Brasil (2002 e 2006); da 8ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil (2011); da 6ª Bienal de Montreal, Canadá (2009); e da Bienal de Arquitetura e Urbanismo de Shenzhen, China (2011). A obra de Guimarães está representada internacionalmente em museus e coleções privadas, incluindo: Fondation Cartier Pour L'art Contemporain, Paris, França; Tate Modern, Londres, Inglaterra; Walker Art Center, Minneapolis, EUA; Guggenheim Museum, Nova York, EUA; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil; MoMA, Nova York, EUA; San Francisco Museum of Modern Art, San Franciso, EUA; Instituto Cultural Inhotim, Brumadinho, Brasil; entre outros.

Carla Chaim



Sem título (dobra G01), 2014
grafite sobre papel japonês kozo dobrado
60 x 60 cm

A linha no trabalho de Carla Chaim é o personagem principal. Na série feita com papel japonês kozo, a linha surge da dobra e do encontro de planos, e as possíveis combinações desse movimento do papel são matematicamente investigadas com a delicadeza de quem corta o tecido de um kimono ou faz um origami, no equilíbrio entre arte e geometria. Carla Chaim bacharelou-se em Artes Plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado – FAAP, 2004, onde também realizou Pós-graduação em História da Arte, 2007. Recebeu diversos prêmios como Prêmio Funarte de Arte Contemporânea e Prêmio Energias na Arte, no Instituto Tomie Ohtake, onde participou também das exposições "Os primeiros dez anos", 2011, e "Correspondências", 2013. Sua obra faz parte de coleções como Ella Fontanals-Cisneros e Ministério das Relações Exteriores, Itamaraty.

Carlito Carvalhosa

Precaução de contato, 2014
óleo sobre alumínio
60 x 40 cm

Carlito Carvalhosa começou sua carreira no coletivo Casa 7, nos anos 1980, e desde então pesquisa a interação de pintura e espaço. Em 2011, Carvalhosa foi o primeiro artista brasileiro a ocupar o átrio do MoMA, Nova York, com sua instalação Sum of Days. Em 2013, Carvalhosa foi selecionado para inaugurar o novo espaço do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, Ibirapuera, com Sala de espera, uma instalação composta de mais de setenta troncos de árvore de 12 metros de comprimento, originalmente usados como postes para a iluminação de ruas, que cortavam horizontalmente o prédio projetado por Niemeyer, transformando seu interior em esfera pública. Suas obras fazem parte de coleções renomadas como: Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo; e Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, todas no Brasil; e The Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, EUA; entre outras.

Cicero Dias

Sem Titulo , 1928 - 1986
Litogravura
ed 66/75
63 x 96 cm

Cicero Dias participou ativamente da introdução das ideias modernistas no Brasil na década de 1920, tendo colaborado com a Revista de Antropofagia, e ilustrado a primeira edição de Casa Grande e Senzala, o livro de Caio Prado Jr. que desvenda a sociedade brasileira. Dias desenvolveu imagens que evocam o mundo do inconsciente, nas quais o erotismo é freqüente. Sua obra relaciona-se ao surrealismo e também a um imaginário fantástico nordestino, em que mitos e fábulas estão presentes nas manifestações artísticas e na literatura de cordel.

Claudio Edinger

Jesus a Milagres, 2006
Fotografia
80 x 100 cm

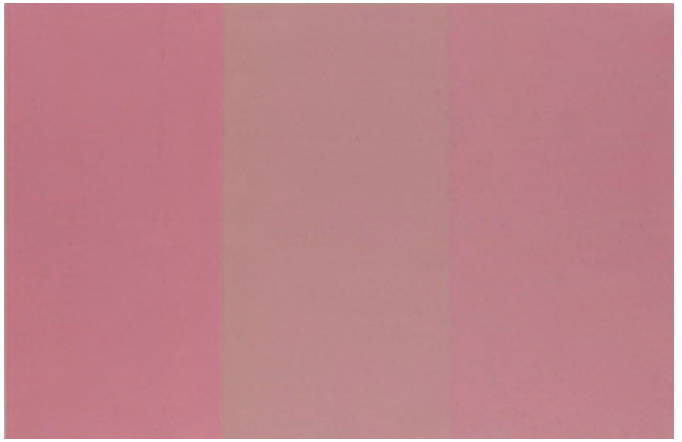
Edinger é um nome expressivo na fotografia contemporânea, explorando paisagens e tipos brasileiros com um jogo de focos múltiplos na mesma imagem que singulariza sua produção. É autor de 14 livros de fotos e recebeu inúmeros prêmios internacionais, incluindo o Prêmio Leica (duas vezes), Prêmio Hasselblad, Prêmio Higashikawa, Prêmio Ernst Hass, Prêmio JP Morgan, Prêmio Pictures of The Year, Prêmio Abril (duas vezes), Prêmio Especial da Revista Life como finalista do W. Eugene Smith Award, Prêmio Marc Ferrez e por duas vezes recebeu o Prêmio Porto Seguro.
Suas fotos estão nas coleções do MASP, MIS, MAM, MAC, Pinacoteca, Museu Metropolitano de Curitiba, Metronòn (Barcelona), Higashikawa (Japão), At&T Photo Collection, Equity International Photo Collection, Brazil Golden Art Fund, Itaú Cultural, Instituto Figueiredo Ferraz, Centro Cultural Banco do Brasil e nas maiores coleções particulares de arte do Brasil.

David Batchelor

Chromodeck, 2012
Impressão sobre prancha de skate
16/30
5,5 x 81,5 x 21 cm

O artista escocês é professor na Royal Academy de Londres, e no mundo todo sua obra é presença mandatória em exposições que discutam cor e luz, sempre com impressionantemente belas instalações escultóricas que usam objetos achados nas ruas, que ele empilha e aos quais confere nova vida recheando-os com luz colorida. O resultado é a combinação de beleza hipnótica e objetos precários. No leilão Verdescola, o artista apresenta a cor aplicada em uma prancha de skate real. No Brasil, já expôs no Centro Maria Antonia,no Paço Imperial, e na 26a Bienal de São Paulo.

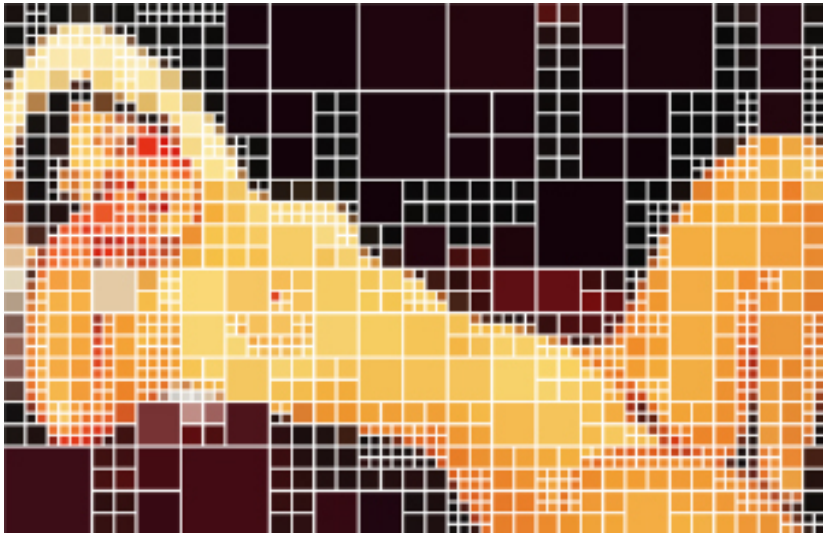
Estela Sokol



Sem título (da série Quadros) 2014
PVC sobre tela - Litogravura
60 x 90 cm

Estela Sokol pesquisa a boa forma. Tudo em sua produção é o jogo perfeito entre cores, superfícies reflexivas, mármore e luz. Na melhor tradição brasileira do neoconstrutivismo, Sokol faz a cor viver como um organismo, em interação com o entorno e com outras cores. A série Quadros constrói cores com a sobreposição de camadas de PVC, obtendo superfícies que mudam de cor como quem muda de humor. Nos últimos 3 anos, Sokol teve exposições individuais e coletivas no Brasil, Inglaterra, Italia, Austria, Portugal e China.

Felipe Cama



Nu (After Modigliani) 2, 2004 - 2005
Fotografia, impressão digital
79 cm x 123 cm

Felipe Cama mistura história da arte e novas tecnologias em várias de suas obras. Com a holografia, telas capturadas do Googlemaps se mesclam com paisagens de Frans Post ou nus famosos como os de Modigliani alternam-se com um nu de revista, da cultura de massa. Com camadas de tecnologia, cultura e história, suas obras discutem o quanto a subjetividade contemporânea é construída pela imagem tecnológica. Suas obras estão no Instituto Figueiredo Ferraz, em Ribeirão Preto, no MAC-USP, MAM – SP, Museu de Arte de Ribeiro Preto e Centro Cultural São Paulo.

Elaine Pessoa

EODEM Fragmentos IV
cianografias, watercolor paper, Archival, heavyweight
30 cm x 25 cm

EODEM Fragmentos X
cianografias, watercolor paper, Archival, heavyweight
30 cm x 25 cm

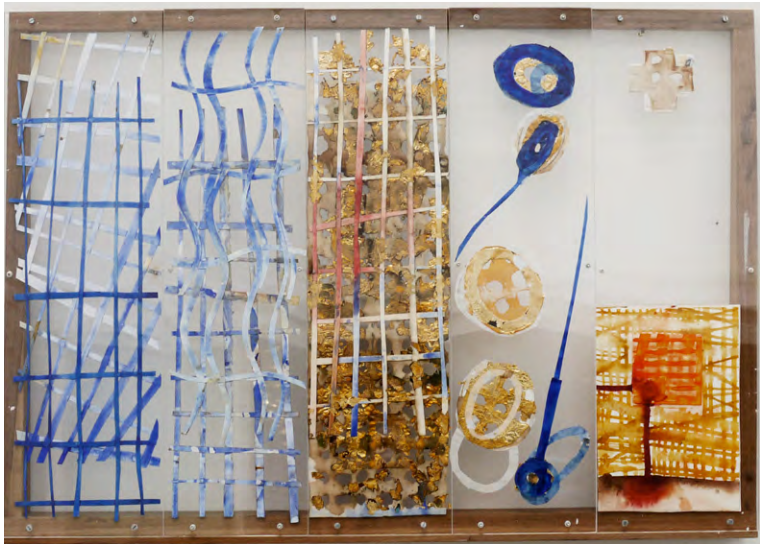
Cianografias (Grafias de luz) usam o processo de impressão fotográfica chamado Cianótipo, que produz uma imagem em tons azuis (ciano). É um processo descoberto em 1842 no qual a imagem se fixa por sais de ferro e não de prata como no processo fotográfico convencional. Na atual fase da imagem digital, Elaine Pessoa interessa-se em misturar a imagem captada pelas tecnologias contemporâneas com processos históricos de fixação no papel. A série em cianotipia é o resultado de sua pesquisa de pós-graduação em fotografia pela FAAP e foi selecionada para a exposição Anual da FAAP em 2013.

Guilherme Callegari

Mandamento, 2014
acrílica, carvão, marcador permanente e grafite s/ tela
150 x 150 cm

Callegari é formado em Design Gráfico com ênfase em tipografia, e suas telas jogam com letras e gestos expressionistas amplos, com mistura de materiais como carvão e tinta, usando a comunicação urbana dos letreiros como seu assunto principal, e desconstruindo o sentido das palavras. Tem exposto em salões de arte e em exposições de mapeamento da produção jovem, como o Abre Alas da galeria A Gentil Carioca e a mostra "20 e poucos anos" da Baró galeria.

Karin Lambrecht



Pequenos Cosmos, 2009
desenhos prensados entre acrílicos
56 x 79 cm

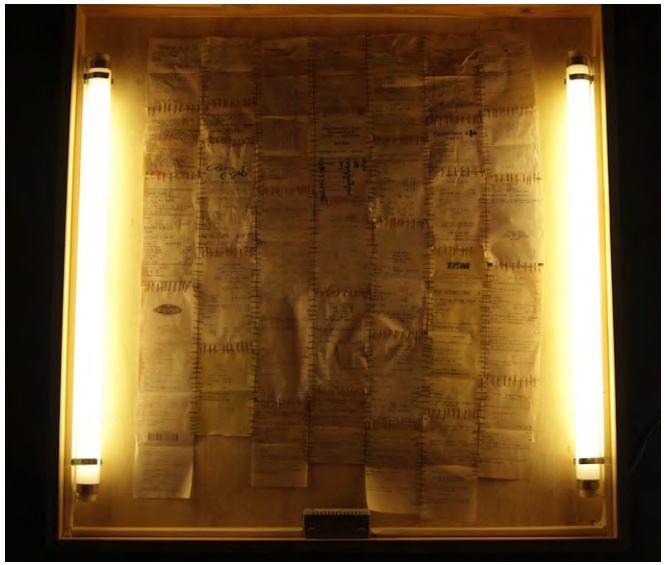
Trabalhando no campo expandido da pintura e da escultura, a obra de Karin Lambrecht materializa a abstração gestual da Geração 80 ao mesmo tempo em que faz referência à Arte Povera e a Joseph Beuys. Usando pigmentos de cores vibrantes, produzidos pela própria artista, ela aplica pinceladas gestuais amplas a telas feitas à mão, sem moldura, rasgadas e queimadas. Muitas vezes também incorpora materiais orgânicos, tais como sangue animal, carvão, água da chuva e terra. Seus motivos recorrentes incluem: cruzes, o corpo humano e palavras enigmáticas escritas à mão ou carimbadas. Participou das 18ª, 19ª e 25ª edições da Bienal de São Paulo (1985, 1987 e 2002) e da 5ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre (2005). Sua obra está presente nas coleções do Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brasil; da Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; e do Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil, entre outras.

Laura Vinci

Disco #03 , 2013
latão repuxado
ed 5/5 + 2 PA
12 x 30 cm

Seja pendurando teias de luzes no teto, enchendo o chão de maçãs, congelando a sala de exposição ou conectando uma rede de bacias de mármore com água, Laura Vinci se interessa pela transformação, pela construção de um ambiente onde a mudança acontece diante dos olhos do espectador. Disco #03 é um objeto que participa dessa pesquisa sobre a instabilidade transformadora. Participou de importantes mostras como a 2ª, 5ª e 7ª edições da Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil (1999, 2005 e 2009) e 10ª Bienal Internacional de Cuenca, Equador (2009). Possui obras em acervos como os da Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; do Instituto de Arte Contemporânea Inhotim, Brumadinho, Brasil; do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil; e do Palazzo delle Papesse, Siena, Itália.

Lourival Cuquinha



Sumidouro 1, 2014
recibos de cartão de crédito fotosenìveis,grampos,lampada,instalção eletrica, madeira e vidro.
75 x 75 cm
56 x 79 cm

O trabalho de Lourival Cuquinha atinge o campo político ao discutir liberdade e controle na sociedade contemporânea, tanto liberdade do indivíduo em construir-se fora dos moldes sociais quanto liberdade da arte em expandir suas definições, assuntos e materiais. Atualmente dedica-se a uma série intitulada “Financial Art Projects” que são intervenções no mercado e em feiras internacionais de arte. Na obra aqui apresentada, recibos de cartões de crédito foto-sensíveis ficam expostos à luz e vão se transformando com o tempo, como que escoando para dentro da luz. Suas obras muitas vezes usam o dinheiro ou seus equivalentes para falar da sociedade contemporânea, das trocas, dos valores. Ele esteve no Panorama da Arte Brasileira do MAM em 211, ganhou o Prêmio Macantonio Vilaça em 2012, concluiu um mestrado em cinema pela University of Wales e esteve na exposição Multitude, no SESC Pompéia.

Luzia Simons

Blacklist 112, 2013
escanograma, impressão sobre papel fotográfico, montagem em metacrilato
120 x 86 cm

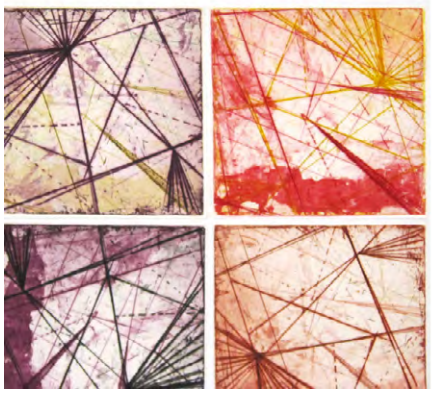
Identidade como uma construção cultural é um tema central na obra de Luzia Simons. A artista usa tulipas para questionar identidade social e cria uma metáfora da globalização. Originárias do Irã e da Turquia, e posteriormente levadas para a Holanda, essas flores se tornaram objeto de desejo e símbolo de status social. Simons desenvolveu seu próprio tipo de registro fotográfico, o escanograma, como uma nova forma de ver, sem um ponto de vista ou foco central, ao contrário das fotografias comuns. Por meio dessa técnica, os objetos são colocados diretamente sobre um scanner industrial que capta os menores detalhes e variações de cor de forma linear. Tem trabalhos em coleções públicas como as de Graphische Sammlung der Staatsgalerie, Stuttgart, Alemanha; Fonds National d'Art Contemporain, Paris, França; Casa de las Américas, Havana, Cuba; University of Essex Collection of Latin American Art, Essex, Inglaterra; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil; e Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, entre outros.

Marcelo Silveira

Caleidoscópio #14 , 2011 - 2012
réguas plásticas coloridas e aço-inoxidável
28 x 19,5 x 8 cm

A acumulação é uma das estratégias favoritas de Marcelo Silveira, artista recifense que usa objetos do cotidiano como vidros e pedaços achados de madeira, esvaziados de qualquer uso funcional e que na ordem em que são apresentados, sugerem uma lógica de classificação das coisas do mundo. Dentre sua extensa lista de exposições, destacam-se a 1ª Bienal Internacional de Artes Plásticas de Buenos Aires, Argentina (2000); da 5ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil (2005); da 4ª Bienal de Valência, Espanha (2007); da 29ª Bienal de São Paulo (2010);

Marco Giannotti



Cartografia, 2014
gravura em metal
63 x 63 cm

Pintor e professor da escola de Comunicação e artes da USP, é pós-graduado em Filosofia e em Artes Visuais, e das várias exposições de que participa desde os anos 1990 destacam-se uma exposição individual na Pinacoteca do Estado em 2007 e a exposição "Arte e Espiritualidade", em 2010, no Mosteiro São Bento em parceria com José Spaniol e Carlos Uchoa, eleita a melhor exposição do ano pela APCA. Sua pesquisa cromática privilegia a pintura a óleo e a gravura em metal, como na peça do leilão Verdescola, na qual o artista obtém os traçados de quem investiga um mapa, de quem redefine possibilidades de um território.

Marcos Chaves

Sem Título, da série Sugar Loafer, 2014
impressão jato de tinta sobre papel algodão
ed 1/5 + 2 PA
75 x 100 cm

Marcos Chaves iniciou sua atividade artística na primeira metade dos anos 1980. Trabalhando sobre os parâmetros do pastiche e da intervenção, sua obra é caracterizada pela utilização de diversas mídias. É frequente o registro de pequenos elementos ou cenas da vida cotidiana, que reproduzem de maneira direta, ou via pequenas intervenções, o extraordinário que o artista evidencia habitar o prosaico do dia a dia. Participou das 1ª e 5ª edições da Bienal do Mercosul, em Porto Alegre (1997 e 2005),e da 25ª Bienal de São Paulo (2002), todas no Brasil; da 17ª Bienal de Cerveira, Portugal (2013), e da 54ª Bienal de Veneza, Itália (2011), entre outras.

Marc Quinn

Supra Stealth Desire, 2013
Bronze pintado
Ed 9/45
13 x 11 x 9 cm

O britânico Marc Quinn pesquisa o conflito contemporâneo entre natureza e cultura, e é mundialmente conhecido pela escultura que fez de si mesmo em 1999, usando seu próprio sangue congelado como material escultórico. A escultura Supra Stealth Desire (Desejo Supra Secreto) segue a linha da pesquisa sobre nossa relação com a natureza, mostrando uma flor cujas pétalas abertas invocam o erótico e o desejável, reforçado pelo mistério da cor inusitada do bronze pintado. A lista de exposições de Marc Quinn é extensa e inclui instituições como Tate Gallery, Fondazione Prada, Kunstverein de Hannover, entre outros, além da Bienal de Veneza em 2003.

Oscar Oiwa

Mars, 2004
óleo sobre tela
119 x 89 cm

Chamaelon, 2003
óleo sobre tela
89 x 119 cm

Brasileiro de pais japoneses, o artista nasceu em São Paulo, vivei em Tóquio e Londres e, em 2002, quando recebeu uma bolsa da Fundação Guggenheim, transferiu se para Nova York, onde vive e trabalha atualmente. Explorando a hibridez entre tecnologia e natureza, ele evoca a tradição do folclore para dar voz ao parentesco entre o que é orgânico e o que é mecânico. Fortemente interessado na ideia de colapsos, de mundos à beira da destruição, tanto por entropia interior quanto por força exterior, suas pinturas são exercícios do pensamento surrealista, do sublime e, paradoxalmente, do mundano. Participou da 21ª Bienal Internacional de Arte de São Paulo (1991). Suas obras fazem parte de importantes coleções públicas, como a do National Museum of Modern Art, Tóquio, Japão; Museum of Contemporary Art, Tóquio, Japão; Phoenix Art Museum, Phoenix, EUA; e Prince Albert II of Monaco Foundation, Mônaco.

Paulo Bruscky

Clarck Professional, 2010
técnica mista sobre papel
30 x 23,5 cm

Com uma trajetória artística que engloba quatro décadas, Bruscky nunca parou de experimentar e inovar: empregou fotocopiadoras e máquinas heliográficas, além de selos e carimbos postais. O artista usou também equipamentos médicos do Hospital Agamenon Magalhães, onde trabalhou vários anos, nas suas criações encefalográficas, compondo a série O meu cérebro desenha assim (1976), recentemente adquirida pelo MoMA. Participou de várias mostras de Arte Correio no mundo todo. Obras suas integram acervos como: MoMA, Nova York, EUA; Guggenheim Museum, Nova York, EUA; Tate Gallery, Londres, Inglaterra; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu d'Art Contemporani de Barcelona, Barcelona, Espanha; Stedelijk Museum, Amsterdã, Holanda; entre outros.

Paulo Whitaker

Sem Título, 2009
serigrafia sobre papel
ed 45/100
98 x 70 cm

Para esse pintor, a arte é uma troca de signos entre a arte e o mundo. Assim, não se sabe se as formas curvilíneas que fazem parte do vocabulário de Whitaker foram inspiradas pelo gradil das varandas ou se vemos nessas varandas as formas que conhecemos nas pinturas de Whitaker. Essa relação da arte com o universo dos signos aparece no método que Whitaker emprega em suas composições: moldes recortados são aplicados a um fundo vazio. Cada molde é uma dessas formas que reaparecem nas obras de Whitaker, formas sempre difíceis de nomear que, depois de um tempo, misteriosamente começam a aparecer no mundo real, no caule de uma planta, num padrão de serralheria artística, em possíveis insetos nunca antes vistos.

Paulo Climachauska

Infinito Mensurável 3 | Infinito Mensurável 1, 2010
Latão
Ed. 5
100 cm

Climachauska desenha com números, substituindo a linha por expressões aritméticas que subtraindo sempre um, terminam o desenho no zero. Na escultura aqui apresentada, o metro, instrumento de medição, faz uma curva, desafiando qualquer medida. Sua lista de exposições individuais e coletivas é extensa, no Brasil e no exterior, das quais destacam-se a Bienal de São Paulo (2004), Bienal do Mercosul (2011), Prêmio Marcantonio Vilaça (2014).

Ramonn Vieitez

The smiths, 2014
Óleo sobre tela de algodão
220 x160 cm

Nascido no Recife, o jovem pintor Ramonn Vieitez é um exemplo da força da pintura figurativa no cenário das artes nos últimos anos. Ele frequentemente pinta um personagem muito jovem, talvez um alter-ego mutante, em retratos encenados, construindo o personagem solitário, cuja companhia é o entorno - as paredes, as vestimentas -- ao qual se mescla.

Raul Mourão

Balanço Caja, 2012
Aço
68 x 40 x 30 cm

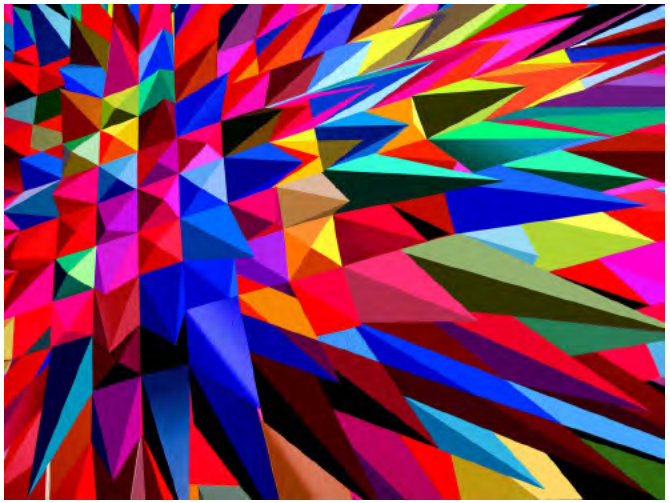
Inspirado pela paisagem urbana da cidade do Rio de Janeiro, Raul Mourão combina fragmentos de construção urbana com formas abstratas para criar suas esculturas móveis. Desde 2010, o artista trabalha com esculturas cinéticas compostas por formas geométricas simples e reduções estruturais de formas modulares. Entre as mostras coletivas de que participou nos últimos anos destacam-se O abrigo e o terreno (Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); From the margin to the edge (Sommerset House, Londres, Inglaterra, 2012); Ponto de equilíbrio (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2010); e Arquivo contemporâneo (Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Niterói, Brasil, 2009).

Renata Padovan

Da série Um dia após o outro,
impressão jato de tinta s/ papel de algodão
49 x 28 cm cada

Resultado de uma residência artística na Finlândia em 2012, a série "Um dia após o outro" é uma sequência de fotos feitas em um mesmo lugar, de um mesmo ângulo, porém, com variações de luz que produzem diferenças cromáticas. Renata Padovan é graduada em Comunicação Social pela FAAP, ganhou a bolsa Virtuose em 2001 para fazer o mestrado no Chelsea College of Art and Design em Londres. Participou de diversos programas internacionais como artista residente, no Canada, Japão, Inglaterra e Islândia.

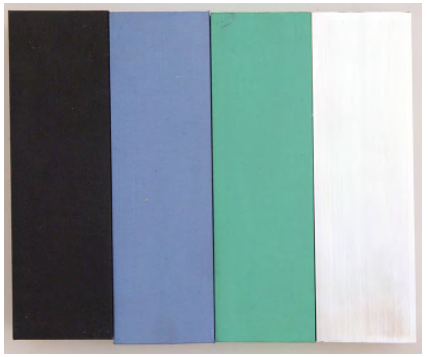
Rodolpho Parigi



Da série Um dia após o outro,
impressão jato de tinta s/ papel de algodão
49 x 28 cm cada

Três momentos específicos mapeiam a produção de Rodolpho Parigi. Pinturas que tinham a geometria e a cor como base para criar um explosão e fragmentação da pintura. Desenhos de anatomia inventada misturando realidade e ficção na construção da imagem. E ambientações para as performances que combinam teoria queer com a construção da história da arte. A obra apresentada no Leilão Verdescola faz parte do primeiro momento, quando a velocidade e as cores cítricas sugerem o ritmo alucinante do corpo contemporâneo. Suas obras fazem parte de coleções como: Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; Itaú Cultural, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil; e Museu de Arte de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, Brasil, entre outras.

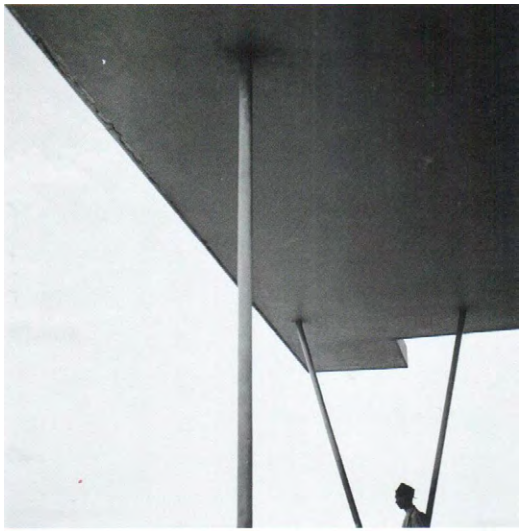
Sergio Sister



Tijolinhos, 2013
óleo sobre tela sobre madeira e tubo de aluminio
20 x 31 x 8 cm

Como representante da Geração 80, Sérgio Sister revisita um tema antigo na pintura: a interação entre superfície e tridimensionalidade em uma tentativa de liberar a pintura no espaço. O que marca a sua produção é uma sobreposição de camadas cromáticas, fazendo com que diferentes campos de cor coexistam em harmonia. As obras de Sister são pequenos gestos poéticos: uma evidência artística de que o mundo, quando examinado cuidadosamente, esconde uma felicidade simples. Suas obras fazem parte de acervos como os do Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; Centro Cultural São Paulo, São Paulo, Brasil; e Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brasil.

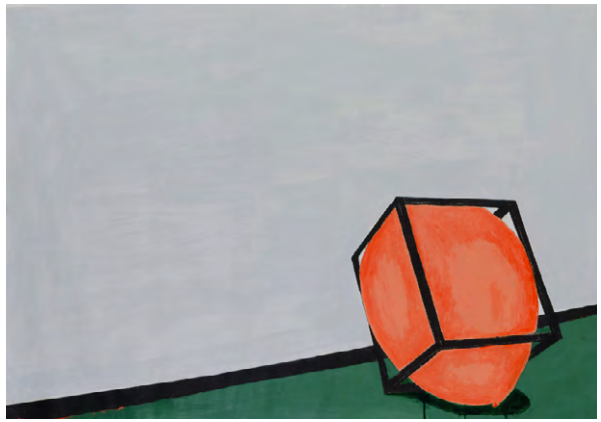
Thomaz Farkas



"Marquise do Cassino da Pampulha" Belo Horizonte, 1949
fotografia p&b em papel fibra
46x46 cm

Pioneiro da moderna fotografia do Brasil, Farkas faz parte da nossa história da fotografia. Iniciou sua carreira na década de 1940 e foi um dos mais expressivos membros do Foto Cine Clube Bandeirante. Em sua obra destaca-se o registro da arquitetura modernista brasileira, como nesta fotografia do Cassino Pampulha, de Oscar Niemeyer.

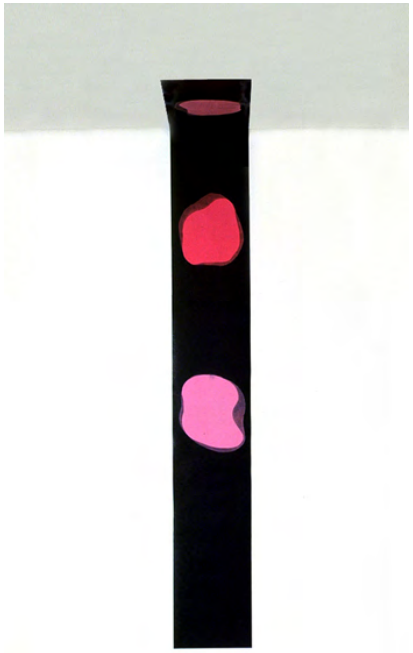
Tulio Pinto



Tijolinhos, 2013
óleo sobre tela sobre madeira e tubo de aluminio
20 x 31 x 8 cm

Tulio Pinto é conhecido por explorar o potencial escultórico de vários materiais, construindo um jogo de equilíbrio com concreto, vidro, balões de ar. Nesta peça, a pintura reproduz o instante efêmero do encaixe entre ferro e balão de ar. Escultor, ele opta por retratar na tela esse equilíbrio das coisas, anunciando o que poderia ser uma de suas próprias esculturas.

Tomie Ohtake



Tijolinhos, 2013
óleo sobre tela sobre madeira e tubo de aluminio
20 x 31 x 8 cm

Tomie Ohtake talvez seja a artista mais conhecida da vertente da abstração lírica no Brasil, conhecida por suas composições de cores que vibram como um som e com texturas que complementam a fruição combinada de vários sentidos. Participou de inúmeras bienais, como a Bienal de São Paulo, Brasil (1961, 1963, 1965, 1967, 1989, 1996, 1998 e 2003); XI Bienal de Veneza, Itália (1972); 1ª e 2ª edições da Bienal Latino Americana em Havana, Cuba (1984, 1986), entre outras.v

Tony Oursler

Splattered, 2005
Acrílica sobre papel
35,6 x 27,9 cm

Pioneiro na arte em vídeo e multimídia, Tony Oursler desenvolve personagens, frequentemente engraçados e um pouco grotescos, que seduzem o espectador de diversas formas, tanto quando aparecem em vídeo e com voz quanto em pinturas em papel que com poucos gestos criam seres inspirados em mangás e bichos de estimação virtuais. A obra de Tony Oursler está em numerosas coleções públicas e privadas, incluindo o Museum of Modern Art, Nova York; Tate Modern, Londres; Whitney Museum of American Art, Nova York e Fondation Cartier pour l'art contemporain, Paris.

Vik Muniz

“Commissioned Portrait”
obra exclusiva de Vik Muniz

Verdescola, em parceria com a Galeria Nara Roesler, leiloará uma obra exclusiva do renomado artista brasileiro, Vik Muniz, durante o IILeilão Beneficente de Arte Contemporânea, que acontece no dia 27 denovembro.

A peça doada por Vik será o badalado “Commissioned Portrait”, que reproduz o rosto de um pessoa, em materiais inusitados como lixo, restos de demolição, geléia, manteiga de amendoim, açúcar, fios, arame, e xarope de chocolate.

O mais interessante é que essa será uma obra sob medida, uma vez que o artista criará o quadro com o rosto de quem arrematar a peça durante o leilão. Como todas as criações de Vik, essa será mais uma peça única e icônica.

Sobre Vik Muniz

Apropriando-se de matérias-primas como algodão,arame, açúcar, chocolate, diamante e até lixo para compor suas séries,Vik constrói uma obra original que provoca a percepção do público,sugerindo significações para imagens conhecidas. “Não importa o que se vê, mas como se vê”, ele diz. Descoberto pelo crítico de arte do jornal The New York Times, Charles Haggan, nos anos 90, quando estava radicado nos Estados Unidos, desde então o artista participou das mais importantes bienais mundiais, entre elas a 24ª Bienal de São Paulo (Brasil / 1998), a 49ª Bienal de Veneza (Itália / 2001) e a Bienal de Arte Contemporânea de Moscou, (Rússia / 2009). Sua obra está representada nas coleções de grandes museus internacionais que incluem: The Art Institute of Chicago; Museum of Contemporary Art of Los Angeles - LACMA; J. Paul Getty Museum; Metropolitan Museum of Art; MoMA New York; Victoria and Albert Museum; MAM-SP; entre muitos outros.

imagens (esq - dir; cima - baixo) > Pictures of Diamonds: Jackie (2005); Kate (Blood) (2011); Pictures of Diamonds: Audrey Hepburn (2005); Pictures of Chocolate: Ruth Malzoni (2013)

REALIZAÇÃO E PRODUÇÃO

Verdescola

galeria nara roesler

Allegra Assessoria

LEILOEIRO OFICIAL

ALOISIO CRAVO

ASSESSORIA DE IMPRENSA

MSLGROUP Andreoli

APOIO

ARTE57

BARÓ

CASA NOVA

GALERIA RAQUEL ARNAUD

GALERIA LEME

LUCIANABRITO /GALERIA

PAULA BRAGA

VEREDAS-SP